



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

DESIGN E ARTESANATO: EXPERIÊNCIA COLABORATIVA NA DISCIPLINA INTRODUÇÃO À PROJETAÇÃO

Design and Craft: A Collaborative experience in the course introduction to design

Farias, Ana Cláudia Silva; Mestre; Universidade de Fortaleza, claudiafarias@unifor.br¹
Zuim, Valeska Alecsandra de Souza; Mestre; Universidade de Fortaleza, valeskazuim@unifor.br²
Jorge, Luciana França; Mestre; Universidade de fortaleza, lucianajorge@unifor.br³

Resumo: Este artigo relata a experiência pedagógica realizada na disciplina “Introdução à Projetação”, do curso de Moda da Unifor, em 2024. A proposta uniu estudantes e artesãos locais em um processo colaborativo, promovendo o diálogo entre saber acadêmico e tradicional. O resultado foi a criação de produtos originais baseados em técnicas artesanais, alguns incorporados ao portfólio dos artesãos. A experiência fortaleceu a formação dos alunos e valorizou o papel criativo do artesão.

Palavras chave: design colaborativo; artesanato; ensino de projeto.

Abstract: This article reports on a pedagogical experience carried out in the course “Introduction to Design” at the Fashion program of Unifor in 2024. The project brought together students and local artisans in a collaborative process, fostering dialogue between academic and traditional knowledge. The outcome was the creation of original products based on artisanal techniques, some incorporated into the artisans’ portfolios. The experience strengthened students’ training and highlighted the artisan’s creative role.

Keywords: Collaborative design; Craft; Design education.

¹ Ana Cláudia Farias é Mestre em Têxtil e Moda pela USP, graduada em Moda pela UFC e especialista em Publicidade pela UNIFOR. Atuou como docente e coordenadora em instituições como UFC, Faculdade Católica do Ceará e UNIFOR, onde criou e coordenou o curso de Design de Moda.

² Mestre em Têxtil e Moda – Universidade de São Paulo (USP). Especialista em Arte e Educação - (CEFET). Formação em Arte terapia pelo instituto AQUILAE. Bacharelado em Estilismo e Moda – Universidade Federal do Ceará (UFC). Docente dos Cursos de Moda da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Artista plástica - artesã proprietária da marca Ateliê da ZUIM.

³ Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade de Fortaleza e professora dos Cursos de Moda e Design da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e Centro Universitário Ateneu (UNIATENEU). Professora Orientadora do Grupo de pesquisa Cultura, Arte, Design. Artesanais e Moda - CADAM



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Introdução

A parceria designer de moda e o artesão vem se consolidando como um caminho promissor para a valorização do artesanato cearense, enquanto o artesão traz o fazer manual e ancestral, o designer usa metodologias projetuais e uma visão estratégica para revitalizar e inserir o artesanato no contexto do mercado contemporâneo. Este artigo tem como objetivo relatar e analisar uma experiência pedagógica desenvolvida no segundo semestre de 2024, na disciplina “Introdução à Projetação”, dos cursos de Moda da Universidade de Fortaleza (Unifor). A experiência consistiu na realização de um projeto de design colaborativo entre estudantes universitários e artesãos locais, em um processo que buscou promover o diálogo entre o conhecimento técnico-acadêmico e os saberes tradicionais, em um ambiente de aprendizagem participativo. Participaram da experiência 20 estudantes, organizados em cinco grupos, e 12 artesãos de diferentes tipologias produtivas, como crochê, madeira, arame, bordado e fibras naturais. O desafio lançado aos grupos foi a criação de um novo produto ainda não desenvolvido pelos artesãos, mas obrigatoriamente ancorado nas técnicas já dominadas pelos participantes, estimulando a originalidade sem romper com a tradição.

A metodologia adotada teve caráter qualitativo, de natureza aplicada, com abordagem participativa. Como diferencial, foi proposta uma inversão metodológica inspirada no conceito do “safári urbano” (Cidade Ativa, 2015), na qual, em vez de os alunos irem ao campo, os artesãos foram convidados a ocupar o espaço da universidade, favorecendo uma troca horizontal de saberes. Do ponto de vista teórico, o trabalho dialoga com autores como Lobach (2001), Munari (2008) e Brown (2009) que abordam as metodologias projetuais, parte do conteúdo programático da disciplina Introdução a Projetação. além de Cardoso (2008) e Lessa (2009), que discutem as especificidades do artesanato enquanto expressão cultural e sistema produtivo. O estudo justifica-se por fortalecer uma estratégia que revitaliza o artesanato, garantindo a continuidade e a inovação do fazer artesanal. A experiência buscou, assim, integrar design e artesanato, valorizando o papel do artesão como agente criativo e ampliando a formação acadêmica dos estudantes no campo do design de moda. Vale ressaltar ainda que a união entre os dois profissionais contribui, também, o fortalecimento da identidade cultural do Ceará e da geração de renda e valor econômico nas comunidades produtoras.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Design e artesanato: interseções culturais e produtivas

A fundamentação desta experiência se apoia em referenciais que discutem o papel social do design e sua relação com práticas colaborativas. O ponto de partida está na concepção de extensão universitária como prática crítica e dialógica. Brandão (1981, p. 45) afirma que “a extensão deve ser compreendida como uma via de mão dupla, na qual o saber acadêmico e o popular se encontram e se transformam mutuamente”. Nesse sentido, a proposta não buscou apenas aplicar métodos de design aos grupos de artesãos, mas abrir espaço para a construção coletiva do conhecimento.

Tal postura encontra ressonância no pensamento freireano, que valoriza a educação como prática de liberdade e diálogo. Para Freire (1996), a aprendizagem ocorre de forma compartilhada, em comunhão entre sujeitos e mediada pela realidade concreta. Essa abordagem se mostrou essencial para compreender o artesanato não como campo a ser “modernizado”, mas como espaço legítimo de cultura, trabalho e identidade. Como observa Freire (1996, p. 68), “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

No campo do design, a experiência foi inspirada nas abordagens contemporâneas que valorizam a colaboração entre diferentes atores sociais. Manzini (2015) ressalta que o co-design não se reduz ao trabalho conjunto, mas envolve a partilha de decisões e responsabilidades no processo criativo. Isso reforça a ideia de que a originalidade dos novos produtos não reside apenas na estética, mas na capacidade de integrar múltiplas vozes e perspectivas.

De forma complementar, Sanders e Stappers (2008) destacam a importância da co-criação como prática de deslocamento do olhar. Ao propor experiências como o safári urbano invertido, esses autores evidenciam que o design pode ser um meio para que os estudantes percebam realidades sociais e culturais de maneira mais profunda, construindo soluções enraizadas no contexto. Para os autores, “a co-criação abre novos cenários para o design, nos quais usuários e especialistas compartilham o processo criativo desde o início” (SANDERS; STAPPERS, 2008, p. 5).

Outro aspecto central é compreender o artesanato como campo de originalidade e reinvenção. Ao incorporar novos elementos ao portfólio dos artesãos, os alunos não apenas propuseram produtos inéditos, mas também contribuíram para valorizar e dar visibilidade a práticas tradicionais em diálogo com demandas contemporâneas. Essa



20º COLÓQUIO DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

relação entre tradição e contemporaneidade alinha-se ao que Manzini (2015) discute sobre sustentabilidade cultural, em que a preservação das práticas não implica sua cristalização, mas sua contínua adaptação em contextos colaborativos.

Portanto, a fundamentação teórica que sustenta a experiência articula três dimensões principais: com o diálogo e a troca de saberes (Brandão, 1981; Freire, 1996), a prática colaborativa do design (Manzini, 2015; Sanders; Stappers, 2008) e a valorização da originalidade no artesanato como campo de reinvenção. Esse tripé teórico orientou as reflexões e análises ao longo do projeto.

Metodologias projetuais e a experiência colaborativa

A experiência pedagógica desenvolvida na disciplina “Introdução à Projetação” foi orientada por metodologias projetuais que privilegiaram a escuta, a observação e a colaboração. Cada equipe optou por uma das metodologias projetuais estudadas para cocriar os produtos artesanais. O método seguido por cada equipe, seja ele, Lobach (2001), Munari (2008) ou Brown (2009), orientou o trabalho e facilitou o processo de entendimento. A tabela 1 apresenta cada metodologia projetual com suas abordagens e suas etapas.

Tabela 1: Metodologias com autores e etapas

Metodologia	Lobach (2001)	Munari (2008)	Brown (2009) – Design Thinking
Abordagem	Método de resolução de problemas prático e objetivo, aplicável a diferentes áreas.	Processo sistemático de design com etapas ordenadas, focadas na função, no uso e na viabilidade técnica.	Inovação centrada no ser humano, com foco em empatia e colaboração multidisciplinar.
Etapas	1. Preparação; 2. Geração de ideias 3. Avaliação; 4. Realização.	1. Definição do Problema (Briefing); 2. Componentes do problema; 3. Coleta de dados; 4. Análise dos dados; 5. Criatividade; 6. Materiais e tecnologias; 7. Experimentação; 8. Esboços e desenhos;	1. Empatia; 2. Definição dos problemas; 3. Idealização; 4. Protótipo; 5. Teste.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

		9. Verificação; 10. Informações técnicas; 11. Solução (projeto)	
--	--	---	--

Fonte: Autoras (2025)

Desde o início, a intenção não foi impor um modelo de design aos artesãos, mas promover um espaço de encontro e diálogo em que o saber acadêmico e os saberes tradicionais pudessem se complementar. Nesse sentido, é possível pensar o projeto como uma prática de extensão crítica, em que universidade e comunidade aprendem juntas. Como afirma Brandão (1981, p. 45), “a extensão deve ser compreendida como uma via de mão dupla, na qual o saber acadêmico e o popular se encontram e se transformam mutuamente”. Inspirados nessa perspectiva, professores e alunos adotaram procedimentos metodológicos voltados para a imersão no universo cultural dos artesãos. Um dos recursos utilizados foi o chamado “safári urbano invertido”, prática que, ao contrário da imersão tradicional do design nos espaços de consumo ou tendências, parte da realidade do artesão e de sua produção cotidiana para guiar o olhar do estudante. Tal deslocamento metodológico busca valorizar o contexto local e estimular nos alunos uma percepção mais sensível e aberta. A figura 1 mostra a primeira reunião dentro da Universidade com os artesãos e alunos. De acordo com Sanders e Stappers (2008, p. 5), “a co-criação abre novos cenários para o design, nos quais usuários e especialistas compartilham o processo criativo desde o início”.

Figura 1: Primeira reunião entre artesãos e alunos dentro da Universidade



20º COLÓQUIO DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025



Fonte: Coleção da autora

O exercício consistiu em visitas, entrevistas e registros fotográficos em que os artesãos apresentaram suas histórias, técnicas e desafios de produção. Esse gesto de “inverter” o safári possibilitou aos estudantes compreender o artesanato não como folclore distante, mas como prática viva e em constante negociação com o mercado e a cultura. Ao longo do processo, as equipes de alunos e artesãos cocriaram produtos originais que respeitaram as técnicas já dominadas, mas incorporaram elementos contemporâneos, com potencial de ampliar o portfólio dos artesãos. Esse movimento está em consonância com o que Manzini (2015, p. 64) observa: “processos colaborativos não significam apenas trabalhar junto, mas compartilhar responsabilidades e decisões no desenvolvimento do projeto”. Dessa forma, o design foi compreendido menos como imposição de linguagem e mais como ferramenta de mediação, planejamento e gestão criativa.

Assim, a metodologia adotada reforçou o design colaborativo como prática educativa e social, em que a aprendizagem se deu tanto pelo olhar do estudante sobre o artesão quanto pelo olhar do artesão sobre o estudante, resultando em experiências de criação mais autênticas e significativas.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Resultados

Os resultados obtidos na disciplina Introdução à Projeção evidenciam a potência do trabalho colaborativo como experiência formativa e transformadora. Tanto os alunos quanto os artesãos foram impactados de maneiras distintas, mas complementares. Para os estudantes, o contato direto com os grupos artesanais representou uma oportunidade de vivenciar o design como prática social, em que o processo criativo extrapola a esfera individual e se constrói na relação com o outro. O safári urbano invertido, adotado como etapa metodológica, contribuiu significativamente para esse aprendizado. Ao contrário de um safári tradicional, em que o olhar externo observa e coleta informações, aqui foi o olhar dos artesãos que orientou os percursos e as narrativas. Essa inversão permitiu aos estudantes perceberem que o contexto cultural e social não deve ser apenas cenário de pesquisa, mas fonte legítima de conhecimento (SANDERS; STAPPERS, 2008). Desse modo, os alunos compreenderam que projetar não é impor soluções, mas aprender com quem vivencia cotidianamente a realidade do trabalho artesanal.

Do ponto de vista dos artesãos, a experiência trouxe a possibilidade de ampliar o portfólio de produtos, incorporando ideias que emergiram do diálogo com os estudantes. Tal resultado reforça a noção de co-criação, em que não há uma hierarquia entre saber acadêmico e saber popular, mas um intercâmbio que produz soluções originais e contextualizadas. Como observa Manzini (2015), processos colaborativos no design não se limitam à soma de contribuições, mas geram novas perspectivas capazes de transformar práticas e significados.

Além da dimensão prática, houve também uma dimensão subjetiva importante. Muitos artesãos relataram que se sentiram valorizados ao perceber que seus saberes eram reconhecidos e respeitados dentro do ambiente universitário. Essa valorização contribui para a autoestima do grupo e reforça o sentido de pertencimento cultural. Nesse aspecto, a experiência dialoga com Freire (1996), quando defende que a aprendizagem deve ser construída em comunhão, mediada pelo respeito e pelo reconhecimento da identidade dos sujeitos. Para os alunos, a vivência colaborativa trouxe uma compreensão ampliada do papel do designer. Mais do que criadores de objetos, perceberam-se como mediadores de processos sociais. A figura 2 abaixo, mostra as equipes de alunos que trabalham com tipologias diferentes.

Figura 2: Equipes de alunos



20º COLÓQUIO DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025



Fonte: Coleção da autora

Como aponta Brandão (1981), a troca de saberes na extensão universitária não apenas transforma os sujeitos envolvidos, mas amplia o campo de atuação da própria universidade, tornando-a mais conectada com as realidades locais. Dessa forma, os principais resultados podem ser sintetizados em três eixos:

Formação discente: os alunos desenvolveram sensibilidade social, olhar crítico e capacidade de atuar em processos colaborativos; Valorização artesanal: os artesãos ampliaram seu repertório de produtos e se sentiram reconhecidos como agentes de conhecimento; Construção de originalidade: os novos produtos resultaram da combinação entre saber acadêmico e saber popular, reforçando a ideia de design como campo de reinvenção cultural. A figura 3 mostra alguns dos novos produtos desenvolvidos.

Figura 3: Produtos desenvolvidos



Fonte: Coleção da autora



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Assim, a experiência demonstra que o design colaborativo pode ser um caminho fértil para aproximar universidade e comunidade, ao mesmo tempo em que promove originalidade, pertencimento e transformação mútua.

Conclusão

A experiência relatada evidencia a potência do design colaborativo como prática formativa e transformadora, capaz de articular saberes acadêmicos e populares em processos criativos significativos. A aproximação entre alunos e artesãos, mediada pelo safári urbano invertido e por metodologias participativas, demonstrou que o ensino do design pode ultrapassar a sala de aula e se constituir como espaço de troca, escuta e construção conjunta. Para os estudantes, o projeto ampliou a compreensão do papel do designer como mediador cultural, destacando a importância da sensibilidade social e da escuta ativa no processo projetual. Já para os artesãos, a experiência trouxe reconhecimento de seus saberes, fortalecimento da autoestima e a possibilidade de incorporar novos produtos ao portfólio, ampliando horizontes de atuação. Nesse sentido, a disciplina se configurou como um exercício de originalidade e pertencimento, no qual o design não foi entendido como imposição de formas externas, mas como diálogo com práticas culturais já existentes. Tal resultado reforça a perspectiva de autores como Freire (1996), para quem a educação é um processo de comunhão, e Manzini (2015), que vê no design colaborativo um caminho para transformar realidades cotidianas de forma criativa e contextualizada.

Conclui-se, portanto, que experiências como essa contribuem não apenas para a formação integral dos estudantes de design, mas também para o fortalecimento dos artesãos e de seus ofícios, criando redes de aprendizagem mútua. Trata-se de um caminho fértil para pensar o design enquanto prática social e cultural, que valoriza identidades locais e promove novas possibilidades de criação.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1981

BROWN, Tim. **Design Thinking**: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CARDOSO, Rafael. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Edgard Blücher, 2008.

CIDADE ATIVA. **Metodologia Safári Urbano**. São Paulo: Cidade Ativa, 2015. Disponível em:
<https://cidadeativa.org>. Acesso: agosto de 2025

EIDELMAN, Tamara. **Design e artesanato: caminhos possíveis para o desenvolvimento local**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LESSA, Carlos. **O artesanato e a economia popular: velhas questões, novos desafios**. Brasília: SEBRAE, 2009.

LOBACH, Karlheinz. **Introdução ao design**. São Paulo: Edgard Blücher, 2001.

MANZINI, Ezio. **Design, When Everybody Designs: An Introduction to Design for Social Innovation**. Cambridge: MIT Press, 2015.

MUNARI, Bruno. **Das coisas nascem coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SANDERS, Elizabeth B.-N.; STAPPERS, Pieter Jan. **Co-creation and the new landscapes of design**. CoDesign, v. 4, n. 1, p. 5-18, 2008.